

A CONFIXAÇÃO COMO PROCESSO DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO

CONFIXATION AS A WORD FORMATION PROCESS IN CONTEMPORARY BRAZILIAN PORTUGUESE

Carlos Alexandre Victorio GONÇALVES¹
Tiago Vieira de SOUZA²

Resumo: Este trabalho surge da pesquisa e análise do processo chamado *confixação*. Grande parte dos formativos ditos neoclássicos não apresenta mobilidade quanto à posição no vocábulo. No entanto, pretendemos demonstrar que há radicais neoclássicos que não seguem o comportamento de aparecer numa posição pré-determinada, ou seja, são formas que podem ocupar ambas as bordas da palavra. Na tradição francesa, Martinet (1979) denomina tais formas de *confixos*, orientação seguida por autores recentes como Radimsky (2011) e Navrátil (2017).

Palavras-chave: Composição neoclássica. Confixação. Formação de palavras.

Abstract: This paper comes from the research and the analysis of the morphological process so-called *confixation*. Most of the neoclassical formative do not show mobility in the word structure. However, we intend to demonstrate that there are neoclassical particles that do not follow the behavior of appearing in a predetermined position of the word. In the French tradition, Martinet (1979) calls such forms of *confixes*, orientation followed by recent authors, such as Radimský (2011) and Navrátil (2017).

Keywords: Neoclassical Compounding. Confixation. Word Formation.

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil; carlexandre@bol.com.br; <https://orcid.org/0000-0003-3672-3852>

² Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil; tiagovsouza96@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0002-5352-2449>

- | A confixação como processo de formação de palavras no português brasileiro contemporâneo

Introdução

O objetivo desta pesquisa é analisar a possível existência de um processo de confixação no português do Brasil. Baseados em Radimský (2011), partimos da ideia de que um confixo, a exemplo de *filo*, constitui radical sem lugar predeterminado na estrutura da palavra, podendo figurar na margem esquerda ('filologia') ou na margem direita de uma construção morfológica complexa ('cinéfilo'). Grande parte dos formativos ditos neoclássicos não apresenta mobilidade quanto à posição, ou seja, muitos já aparecem em bordas pré-estabelecidas – são elementos que, na maioria dos casos, sempre ocorrem na primeira (a exemplo de *hidro-*, em 'hidrovia', 'hidroginástica' e 'hidromassagem') ou na segunda posição (como *-cida*, em formações como 'inseticida', 'infanticida' e 'sincericida').

Pretendemos demonstrar, no trabalho, que há radicais neoclássicos que não seguem o comportamento de aparecer numa posição pré-determinada, ou seja, são formativos que podem ocupar ambas as posições – borda esquerda e borda direita. A tradição francesa (MARTINET, 1979, p. 143) denomina tais formas de *confixos* e, então, as define como "elementos que gradualmente adquirem características de afixo, mas, em decorrência da oscilação posicional, formam uma categoria à parte". Dessa maneira, temos, em 'fonoestilística'/'anglófono' e 'fonética'/'telefonía', bons exemplos de confixação, já que *fono* alterna o lugar nas formações complexas de que participa.

Os principais objetivos do estudo são os seguintes: (a) checar o estatuto da confixação em português, observando se constitui processo produtivo; (b) observar se os formativos, em geral, apresentam diferença de significado e função quando ocorrem em diferentes posições na estrutura da palavra; e, por fim, mas não menos importante, (c) elencar as diferenças entre a confixação e os dois principais processos de formação de palavras, a derivação e a composição, com vistas a definir se a confixação de fato constitui mecanismo à parte, como sugere Martinet (1979) e como vêm comprovando autores como Peytard (1964), Scalise (1984), Corbin (2000), Radimský (2011) e Navrátil (2014) para a análise de línguas como francês, italiano e inglês.

O trabalho está dividido como se segue: na seção 2, apresenta-se uma revisão teórica do que alguns autores têm pensado, questionado e discutido sobre os chamados compostos neoclássicos, abordando o português e outras línguas; em 3, são discutidas as principais características dos formativos da composição neoclássica que podem figurar somente em uma das bordas das palavras. Tais exemplos são usados para contrastar com os chamados confixos, aqui entendidos como formativos que apresentam oscilação posicional. Nesse sentido, temos uma breve noção da confixação sendo apresentada, bem como a discussão sobre forma combinatória e *splinter*; na seção 4, temos uma

descrição sobre a confixação como um processo de formação de palavras; por fim, em 5, apresentamos uma análise do confixo *filo* em diferentes grupos de acepções.

A composição neoclássica: principais aspectos

A composição neoclássica pode ser interpretada como um processo morfológico distinto da composição com bases livres ('peixe-espada', 'boia-fria') porque forma construções com bases presas de origem grega ou latina, como se vê em (01), a seguir. No entanto, algumas observações devem ser feitas no que diz respeito à classificação dessas palavras complexas.

(01) xenófobo, sociopata, pedofilia, hipódromo, biblioteca, biógrafo.

Como abordado por Lüdeling (2009), o fato de um item ser etimologicamente derivado do latim ou do grego não deve ser o único critério para definir um composto neoclássico. Para Lüdeling (2009), o estilo neoclássico na formação de palavras corresponde ao uso, nas estruturas morfológicas, de elementos derivados do grego e latim que não foram totalmente apropriados pela língua tomadora. Em outras palavras, “compostos neoclássicos se estruturam com base em formativos de origem greco-latina que, geralmente, não aparecem como elementos livres na língua tomadora” (GONÇALVES, 2011a, p. 14).

Uma das principais questões relacionadas à composição neoclássica é a sua capacidade de participar do sistema de formação de palavras da língua nativa em que aparece: “palavras neoclássicas não são simplesmente empréstimos” (GONÇALVES, 2011a, p. 8). Os formativos neoclássicos podem aparecer em várias línguas diferentes. No entanto, tais partículas ainda não foram bem definidas no que diz respeito a ser criada uma classe independente para as mesmas, ou seja, muitas vezes esses elementos são reconhecidos como radicais (RALLI, 2008a), afixos (BAUER, 1979) ou até mesmo são denominados de forma combinatória (WARREN, 1990), mas os rótulos não conseguem descrever e explicar, em totalidade, as características dos compostos neoclássicos.

Nessa perspectiva, fazemos, a seguir, uma revisão de diversos autores para tornar possível um olhar comparativo, a fim de perceber como os compostos neoclássicos são abordados e observados nas várias línguas que apresentam esse tipo de formação.

De acordo com Ralli (2008b), em sua observação sobre formações deverbais no grego moderno, é possível encontrar grande quantidade de radicais do grego antigo em novas formações lexicais da atual sincronia. Sendo assim, Ralli (2008b) destaca que, a não ser pela natureza dos constituintes presos, tais formativos apresentam características

- | A confixação como processo de formação de palavras no português brasileiro contemporâneo

semelhantes aos compostos produtivos regulares, ou seja, têm propriedades estruturais semelhantes aos compostos de base livre. Com isso, mesmo que os radicais do grego antigo tenham sido usados para nomear algo com fins específicos – como, por exemplo, termos científicos e/ou tecnológicos – e apresentem constituintes presos, estão totalmente integrados aos processos de formação de palavras no grego moderno.

Em relação à transparência de tais formativos, Ralli (2008a) atesta que esses participam de construções usadas na língua corrente e, portanto, apresentam transparência semântica e estrutural; quanto à produtividade, a autora afirma serem as palavras neoclássicas produtivas e, tanto no inglês quanto no grego moderno, os radicais neoclássicos combinam-se com bases nativas (formações híbridas), sendo que também há casos em que os radicais neoclássicos combinam-se somente com bases do grego antigo. Nesse contexto, a autora desenvolve um esquema de gradação para classificar os que são mais ou menos produtivos.

Em Petropoulou (2009), encontramos elencadas diversas classificações que tais formativos recebem na literatura morfológica. São denominados, por exemplo, de ‘Raízes clássicas’, ‘Radicais presos’, ‘Afixos’, ‘Afixoides’, ‘Formas combinatórias (Inicial/Final)’, ‘Confixos’. Cada uma desses termos faz referência a uma característica específica dos formativos nas construções das quais participam. Pode-se dizer que isso acaba ocorrendo pelo fato de esta não ser uma classe com características homogêneas. No entanto, Petropoulou (2009) afirma que é possível elencar características comuns entre tais elementos, a fim de criar generalizações para uma descrição precisa dessa unidade de análise morfológica. Dessa maneira, chama atenção para o fato de várias palavras que se constituem de elementos de línguas clássicas acabarem por compartilhar características muito semelhantes, o que pode ser um ponto importante para formar uma categoria independente. Dito de outra maneira, o critério usado para tais elementos pertencerem a uma classe própria pode ser o fato de dada palavra apresentar partículas de origem clássica, tendo como base a composição neoclássica prototípica.

É importante destacar que, para Petropoulou (2009), o protótipo da composição neoclássica é a formação em que há pelo menos duas raízes de origem grega ou latina em que nenhuma delas pode ser livre. No entanto, a autora atesta que muitos constituintes da composição neoclássica considerada prototípica têm exercido novos papéis em contextos diferentes. Nesse sentido, chamaríamos tais construções de composição neoclássica não prototípica, pois, mesmo assim, ostentam características da composição neoclássica. Isso pode ser visto, por exemplo, com a combinação da forma neoclássica *agro-* com vários tipos de bases diferentes: ‘agromoda’ (palavra nativa), ‘agroboy’ (estrangeirismo), ‘agrotv’ (sigla) (HIGINO DA SILVA, 2016, p. 89). Em suma, para Petropoulou (2009), compostos

neoclássicos chamados prototípicos são aqueles que se constituem apenas de elementos de origem clássica, que acabam por ficar em contraste com formações chamadas híbridas – combinações de elementos nativos e clássicos.

Lüdeling (2006) também define formações neoclássicas a partir de uma análise de elementos gregos e latinos. A autora chama atenção para o fato de, nas línguas europeias, os elementos neoclássicos combinarem-se produtivamente uns com os outros – *automobile, morphology, hydrophobic* – bem como com elementos nativos (*auto parts, hydropub*). Em português, o mesmo pode ocorrer, ou seja, compostos neoclássicos podem, produtivamente, tanto combinar entre si como também com elementos vernaculares, como vemos, respectivamente, em ‘ortorexia’ e ‘hidromassagem’.

Segundo Lüdeling (2006), as palavras neoclássicas não devem ser consideradas como meros empréstimos, pois as mesmas são formadas por novos mecanismos que acabam por diferir da formação de palavras com radicais nativos. Nesse contexto, a autora salienta que a noção de ‘neoclássico’ não está somente associada à etimologia, mas chama a atenção para fatores como

- o conhecimento ou a falta de conhecimento do falante a respeito de etimologia; e
- a entrada de tais elementos na língua que, segundo a autora, podem ser tomados direto da língua de origem ou entrar indiretamente para uma língua através de outras, como por exemplo ‘agronomia’.

De acordo com Higino da Silva (2016), ‘agronomia’ vem do francês e é analisada como composto neoclássico ao ser associada a outras palavras da língua que apresentem o elemento à direita não muito transparente, mas usado em palavras de alta frequência na língua (como em ‘economia’). Sendo assim, através dessa comparação, é possível ver semelhanças lexicais e estruturais que fazem com que vocábulos complexos sejam considerados compostos neoclássicos.

A autora também aborda o caráter flutuante da denominação dos elementos neoclássicos, muitas vezes reconhecidos simplesmente como ‘formativos’ ou, de modo mais restrito, como ‘formas combinatórias’. Lüdeling (2006), portanto, desfaz a diferença entre radical e afixo e lança mão das características ‘traço preso’ e ‘seleção’ para a identificação de tais elementos, ou seja, para a autora, os elementos neoclássicos são os constituintes presos que não selecionam elementos para figurar à sua esquerda ou direita. Lüdeling (2006) descreve, portanto, relações dos elementos neoclássicos com outros elementos morfológicos. Sendo assim, mostra que, mesmo havendo especificidades em

- | A confixação como processo de formação de palavras no português brasileiro contemporâneo

determinadas línguas, de forma geral, tais relações acabam por apresentar características em comum, como por exemplo:

- os radicais presos combinam-se entre si, como em “*telephone*”;
- juntam-se a afixos neoclássicos como em “*morphologist*”;
- unem-se a elementos do vernáculo, como por exemplo “*agrobusiness*”.

Lüdeling (2006) discute também a questão das formações híbridas que, segundo ela, são usadas como argumento para a distinção entre os processos de formação neoclássica e vernacular. Baseado nas diferenças estruturais encontradas na descrição dos elementos neoclássicos, Gonçalves (2011b) conclui que este é um processo diferente dos demais que envolvem a junção de duas bases: composição vocabular (‘porco-espinho’, ‘bate-entope’) e cruzamento vocabular (‘craquético’, ‘futivôlei’). No entanto, esse fator, segundo o autor, não afeta a produtividade que os elementos neoclássicos têm em diversas formações nas diferentes línguas.

Para Bauer (1988), as palavras que utilizam o modelo clássico de formação são também denominadas de compostos neoclássicos. O autor afirma que tais palavras não foram formadas nas línguas clássicas, mas em línguas modernas. Ele apresenta exemplos como ‘*geology*’ – estudo da Terra – e ‘*photograph*’ – imagem pela ação da luz – para mostrar que tais formativos têm como uma de suas principais características o fato de apresentarem o elemento-cabeça do lado direito e participar de formações endocêntricas, ou seja, criam palavras cujo referente é facilmente identificável em seus componentes. Bauer (1988) propõe que os compostos neoclássicos são diferentes dos compostos comuns do inglês. Uma das diferenças que o autor apresenta é que os neoclássicos possuem um elemento de ligação que não é encontrado nos demais casos de composição, bem como utilizam radicais de línguas clássicas – e não vernaculares – mas são novas palavras formadas no inglês. Mesmo levantando tais características, o autor afirma que há palavras que não se encaixam nessa descrição. O fato de afixos ou palavras poderem adjungir-se aos elementos neoclássicos acaba por ocasionar uma dificuldade para classificar o processo de formação que os constitui.

Outro fator que o autor apresenta é a densidade semântica, que acaba por aproximar tais elementos das palavras que criam compostos do vernáculo. Ao apresentar os exemplos como *gynocidal* e *transgenic*, Bauer (1988) aborda possíveis combinações diferentes que os compostos neoclássicos podem apresentar. No primeiro exemplo, temos a combinação com uma sufixação *-al* e, no segundo, vemos a combinação do prefixo inglês com origem no latim *trans-* com a forma combinatória *-gen-* e o sufixo

-ic, mostrando, assim, que os compostos neoclássicos podem, também, adjungir-se a diferentes elementos morfológicos. Nessa perspectiva, conclui que essa não é uma categoria bem definida; no entanto, reconhece que é importante nomear tal construção lexical como composição neoclássica pelo fato de apresentar grande número de palavras que seguem um padrão de formação, concluindo, portanto, que constitui processo produtivo.

Pelo fato de os compostos neoclássicos não serem uma categoria bem definida, além de heterogênea, apresentando características e propriedades bem diferentes em línguas distintas, muitos autores (LÜDELING, 2006; AMIOT; DAL, 2005; PETROPOLOU; TEN HACKEN, 2002; GONÇALVES, 2011a) passaram a analisar compostos neoclássicos específicos em determinada língua em que são estudados, mediante suas particularidades e funcionamento.

Algumas outras características são levantadas por Petropoulou e Ten Hacken (2002), a fim de definir uma classe para os elementos neoclássicos. As seguintes propriedades diferenciam estes últimos dos radicais e dos afixos, na visão dos autores:

1. Possuem significado próprio, baseado no significado encontrado no latim e/ou no grego;
2. Podem aparecer tanto do lado esquerdo, quanto do lado direito de uma formação complexa;
3. Em inglês, são selecionados por sufixos específicos, como *-y*, *-ic*, *-ous*, *-ist*, *-ism*, *-itis*, *-ia*, entre outros;
4. Não se combinam com lexemas nativos, comumente.

Outra autora que se volta aos estudos da composição neoclássica é Caetano (2010a), que se atenta para a questão posicional de tais elementos. Em outras palavras, chama atenção para o fato de alguns elementos poderem figurar à esquerda, à direita e, às vezes, conseguirem ocupar ambas as posições. Nesse contexto, Caetano (2010b) apresenta algumas características como sugestão de descrição dos elementos neoclássicos, a saber:

- a) são caracterizados como elementos eruditos;
- b) tais elementos têm conteúdo lexical significativo;
- c) não possuem autonomia sintática;
- d) podem adjungir-se a qualquer tipo de base;

- | A confixação como processo de formação de palavras no português brasileiro contemporâneo

- e) tanto no domínio científico quanto no domínio da língua corrente encontramos formação de palavras complexas;
- f) não possuem posição fixa, bem como podem combinar entre si;
- g) não são o mesmo tipo de unidade que figura numa palavra composta em português, entendendo que a verdadeira composição (BAUER, 1988) envolve palavras.

Com base no que foi apresentado ao longo desta seção, reiteramos aqui o que é enfatizado por Bauer (2005, p. 105), ao afirmar que

[...] o rótulo “composto neoclássico” se mostra inadequado, uma vez que um composto neoclássico não é um composto (de acordo com leitura normal da palavra), sendo mais um problema terminológico do que um problema de substância.

A mesma ideia sobre o fato de os compostos neoclássicos não serem uma classe homogênea é encontrada em Gonçalves (2011b). O autor lança mão de características relacionadas aos itens neoclássicos que revelam o fato de tais elementos poderem ser realmente parecidos e difusos entre si, ao mesmo tempo. Uma das características elencadas por Gonçalves (2011b) é a questão de os elementos terem ou não livre-curso na língua. Em outras palavras, o autor chama atenção ao dizer que alguns elementos não apresentam realização sintática na língua tomadora; no entanto, encontramos exemplos como ‘mania’ e ‘metro’, entre outros tantos, que acabam por funcionar como unidades livres no português contemporâneo. Outra característica que é colocada à prova pelo autor é a questão de os compostos neoclássicos só serem usados para criar palavras da área da ciência e/ou tecnologia, pois na língua corrente acabamos vendo a criação de novas palavras com tais itens e que estão, no entanto, totalmente fora do campo científico, como mostram os exemplos a seguir, retirados de Gonçalves (2011b):

(02) beijólogo, fumódromo, desconfiômetro, cinemólatra.

Concluimos que, de fato, compostos neoclássicos devem ser analisados em casos específicos, levando em conta suas particularidades e comportamento na língua em que estão sendo estudados. Passemos, a seguir, ao exame dos radicais neoclássicos em sua relação com outras unidades morfológicas para, logo após, focar a questão dos confixos, aqui entendidos como elementos sem rigidez posicional.

2. Neoclássicos, *splinters* e formas combinatórias: fronteiras

Grande parte dos compostos neoclássicos não apresenta mobilidade posicional, ou seja, é constituída de radicais que seguem o comportamento de aparecer numa posição pré-determinada na palavra – borda esquerda ou borda direita. Em Gonçalves (2016), encontramos os exemplos apresentados abaixo:

Quadro 1. Exemplos de elementos fixos em bordas de palavras

Borda esquerda da palavra	Borda direita da palavra
<i>Homo-, bio-, eco-, tele-, hetero-</i>	-cídio, -voro, -latra, -pata, -fobo, -crata

Fonte: Elaboração própria

Nas gramáticas tradicionais mais conhecidas, há vários exemplos de formativos que podem ocorrer em ambas as margens dos chamados “compostos eruditos” (CUNHA; CINTRA, 1985). Nas tabelas a seguir, elencamos três dessas obras:

Quadro 2. Exemplos de confixos na gramática de Cunha e Cintra (1985)

Radicais	Exemplos (1ª e 2ª posição)
<i>antropo</i>	antropófago e filantropo
<i>crono</i>	cronologia e isócrono
dá(c)tilo	da(c)tilografia e pterodáctilo
lito	litografia e aerólito

Fonte: Elaboração própria

Quadro 3. Exemplos de confixos na gramática de Bechara (2000)

Radicais	Exemplos (1ª e 2ª posição)
arimos	aritmética e logaritmo
demos	democracia e epidemia
derma	dermatologista e epiderme
patos	patologia e simpatia
teos	teocracia e politeísmo

Fonte: Elaboração própria

- | A confixação como processo de formação de palavras no português brasileiro contemporâneo

Quadro 4. Exemplos de confixos na gramática de Rocha Lima (2006)

Radicais	Exemplos (1ª e 2ª posição)
anthos	antologia e perianto
phagêin	fagocitose e antropofagia
grápho	grafologia e telégrafo
gamos	gamopétalo e poligamia
thermos	termômetro e isotérmico

Fonte: Elaboração própria

O termo *confixo* aparece mais relacionado à tradição francesa, como em Martinet (1979), responsável pela sua cunhagem, e em Corbin (2000), um dos principais nomes em formação de palavras na Europa. Na tradição americana, usa-se outra terminologia: forma combinatória, *splinter* etc. Nosso primeiro objetivo nesta seção é conseguir separar e diferenciar tais unidades de análise morfológica, mostrando que não formam uma classe, pelo menos em português.

Na tradição de língua inglesa, Bauer (1988) descreve formas combinatórias iniciais e formas combinatórias finais. No entanto, o termo “forma combinatória” também rotula outras partículas, como apresentado em Gonçalves (2011c, p. 11):

(a) formas encontradas em diferentes posições, como ‘antropo’ (‘filantropia’; ‘antropópago’); (b) porções fonológicas oriundas de encurtamentos (*clippings*), como euro- e choco-; e (c) itens morfológicos resultantes de mesclas lexicais, a exemplo de *-holic* (‘*workaholic*’, ‘*chocoholic*’ << ‘*alcoholic*’).

Alguns autores demonstram que formações com *splinters* e compostos neoclássicos “apresentam diferenças semânticas e formais” (GONÇALVES, 2016, p. 12) e que, portanto, não é conveniente descrevê-los como formas combinatórias.

Dentro das muitas categorizações que os constituintes da composição neoclássica podem receber, o termo “forma combinatória” representa uma designação mais neutra (GONÇALVES, 2011c). Na descrição de Bauer (1988), vemos que as formas combinatórias possuem restrições contextuais no que diz respeito à posição. Em outras palavras, podemos afirmar que são unidades que podem figurar em uma posição pré-determinada na estrutura da palavra, apresentando, dessa maneira, similaridade com a rigidez posicional dos afixos.

Como apresentado por Kastovsky (2009, p. 2), o termo “forma combinatória” aparece no *Oxford English Dictionary* e “foi adotado para nomear parte de empréstimos do grego e do latim ou formações do inglês usando constituintes que não são palavras propriamente e nem são facilmente identificáveis como afixos”. Desse modo, o autor apresenta exemplos como *neo-* e *micro-* que, mesmo depois da definição, flutuam entre as categorias forma combinatória e afixo. O mesmo ocorre com o exemplo *(o)logy* que fica na fronteira da categorização entre forma combinatória e sufixo (KASTOVSKY, 2009).

Retornando a discussão de Gonçalves (2011b), Ralli (2008a) e Kastovsky (2009), entre outros autores, que encaram o termo *forma combinatória* como uma “rubrica genérica”, vemos que realmente formações com *splinters* e compostos neoclássicos apresentam diferenças significativas. Vejamos a seguir o que Gonçalves (2011c, p. 12-13) apresenta sobre esta ideia:

No nosso entendimento, o problema de nivelar os constituintes da composição neoclássica (*-metro*, *homo-*) com os provenientes de encurtamentos (*choco-*, *afro-*) ou fusões lexicais (*-drasta*, *-trocínio*) está no fato de formativos considerados eruditos nem sempre aparecerem em novas formações evocando o significado das formas de onde se originaram, como acontece com a recomposição e o cruzamento vocabular.

Em outras palavras, os *splinters* oriundos de encurtamentos (‘caipisaquê’) ou cruzamentos vocabulares (‘mãetrocínio’) são interpretados a partir de uma forma prévia: ‘caipisaquê’ evoca ‘caipirinha’, do mesmo modo que ‘maetrocínio’ pressupõe ‘patrocínio’. Já ‘hidromassagem’, por exemplo, não precisa de uma palavra específica com *hidro-* para ser entendida, ou seja, não precisa remeter a nenhuma forma complexa original para que haja interpretação da palavra criada. Sendo assim, vemos que os *splinters*, diferentemente destes últimos, apresentam forte conexão com suas formas de base e, por isso, a interpretação vem a partir destas (‘sacolé’ é um picolé em saco, por exemplo).

Kastovsky (2009, p. 11), nesse sentido, discute que o verdadeiro problema, que “raramente tem sido articulado, é a demarcação entre a composição e a afixação, em geral, entre as quais uma estreita linha divisória não parece existir sincronicamente”. Na sequência, o autor apresenta seu ponto de vista contra a existência das chamadas formas combinatórias. Para ele, as categorias palavra, radical, afixo, afixoide, truncamento e *blend* são suficientes e necessárias para dar conta da formação de palavras. Ademais, sugere uma escala em que composição (palavra formada), afixação, truncamento e cruzamento vocabular sejam vistos como padrões de constituintes menos independentes, passando por categorias como radicais, afixoide e *splinters*. Tal escala é formalizada a seguir:

- | A confixação como processo de formação de palavras no português brasileiro contemporâneo

(03) composição (palavra) >> radical (base presa) >> afixoides >> afixação (baseada em palavra ou radical) >> compostos truncados (encurtamento de palavras/radicais) >> fusão vocabular >> *splinters* >> acronímia.

A visão de Kastovsky (2009) é de uma heterogeneidade de tipos de formação de palavras em inglês que, no entanto, também podemos trazer para o português, ou seja, já falamos aqui sobre o fato de o português aceitar tanto palavras quanto radicais para fazer parte dos processos de formação de palavras. Sendo assim, defende-se, neste texto, como em Kastovsky (2009, p. 12), que “a noção de forma combinatória é algo como um arenque vermelho em lexicologia, porque cria mais problemas do que os resolve e deve ser descartada”.

Passemos, agora, à discussão sobre a possível existência de um processo de confixação em português. Para tanto, tomamos por base as análises de Martinet (1979), Radimský (2011) e Navrátil (2014, 2017).

3. Sobre a confixação como processo morfológico independente

Um dos autores que utiliza o termo confixação é Radimský (2011) e, de acordo com Navrátil (2014), ele assim o faz para não precisar decidir se o processo constitui caso de derivação ou de composição. No entanto, ainda de acordo com Radimský (2011), vemos que a confixação possui, em grande parte, propriedades da composição, embora não seja totalmente nivelada a esse mecanismo.

Outra característica apresentada por Radimský é o fato de que, baseado na nomenclatura italiana, *composizione con elementi scientifici* (composição com elementos científicos), a confixação está bastante ligada à terminologia, bem como aos tecnicismos. Diacronicamente, pode-se dizer que isso realmente ocorre, pois, com o avanço do tempo e da ciência, há necessidade de nomear novas entidades, áreas de estudo, instrumentos, entre outros exemplos que levam a novas designações técnico-científicas ou filosófico-literárias.

Frente à nomenclatura de Radimský (2011), que se embasa em Martinet (1979), a confixação é o processo morfológico que se utiliza de confixos, elementos constituintes da palavra confixada, que, portanto, representa o produto final, na mesma linha dos termos sufixação, prefixação e circunfixação. Mas o que é um confixo? Que elemento é este que define o processo de confixação?

Em linhas bem gerais, o confixo é um formativo sem lugar pré-determinado na estrutura da palavra e, por isso mesmo, forma novas unidades lexicais tanto na borda esquerda ('fonofobia', "horror a sons ritmados"; 'fonoterapia', "tratamento da voz doente ou inadaptada por meio dos exercícios vocais seriados") quanto na borda direita de palavras ('audiofone', "instrumento acústico que permite aos surdos receber as vibrações sonoras através das paredes ósseas do labirinto"; 'francófono', "falante de francês"). Como se pode perceber por esse pequeno conjunto de dados, o formativo em questão resulta em formações complexas bastante diferentes do ponto de vista morfofonológico e atualiza diferentes significados, se considerada sua posição estrutural.

Pelo fato de considerarmos a confixação um processo diferente da derivação e da composição, é importante diferenciá-los a fim de defendermos essa hipótese. Em um primeiro momento, Martinet (1979) se refere à confixação como composição culta ou erudita. Radimský (2011) mostra que a linguística italiana apresenta diversos nomes para o que chamamos aqui de confixação. Temos, então, composição com elemento solto, composição neoclássica, composição com elementos greco-latinos, composição com sufixoide etc. Dessa maneira, as primeiras terminologias estariam mais voltadas para a composição; no entanto, a composição com prefixoide e sufixoide revelaria uma relação entre a confixação e a derivação. Por esse motivo, decidimos diferenciar a confixação dos processos de derivação e composição, a fim de mostrar que a confixação de fato representa um processo de formação diferente.

Embora a confixação se aproxime mais da composição, sobretudo a neoclássica, por envolver elementos greco-latinos, vamos começar por diferenciá-la da afixação. Scalise (1984) apresenta quatro razões para comprovar que a confixação não constitui afixação:

- a) confixos podem se unir a outros confixos, como, por exemplo, em *filantropia*, que apresenta os confixos *-filo-* e *-antropo-*. Essa característica não está presente nos afixos, que só podem se unir a uma base lexical, ou seja, prefixos não se combinam entre si (**ex-des*), nem com sufixos (**sub-inho*);
- b) confixos figuram em ambas as bordas do produto, o que não se pode dizer dos afixos, que possuem posição fixa;
- c) diferente dos afixos, às vezes é possível retirar o confixo numa estrutura de coordenação, como no exemplo dado em Navrátil (2014, p. 21): "Não importa se são *filo-* ou *anti-soviéticos*";

- | A confixação como processo de formação de palavras no português brasileiro contemporâneo

d) baseados em Danielle Corbin (2000), vemos que confixos são unidades com semântica referencial, ou seja, podem ser traduzidos como substantivos (antropo = homem).

Dessa maneira, ao observarmos as características acima, vemos que a confixação muito se diferencia da derivação e, portanto, tem mais pontos de contato com a composição, como Radimský (2011) atesta. Então, no processo da confixação, os elementos cultos greco-latinos são combinados entre si, bem como com palavras. Com base no exposto, definimos a confixação como uma especificidade da composição neoclássica cuja principal característica é a flexibilização posicional, ou seja, na confixação temos um processo morfológico que apresenta como unidades radicais eruditos sem lugar predeterminado na estrutura da palavra.

Desse modo, Radimský (2004) apresenta algumas características dos chamados confixos, sendo a principal delas, por definir a classe, a oscilação posicional:

- I. apresentam produtividade relativa: de forma geral, para Bauer (2004, p. 20) e alguns outros autores (cf. CORBIN, 2000), três são os pré-requisitos necessários para a produtividade de um processo morfológico: frequência, coerência semântica e a capacidade de fazer novas formas. Um fato relevante e referente à produtividade apresentado por Peytard (1964, p. 88) é que, mesmo um falante nativo que não tenha sido instruído, é capaz de identificar e entender palavras com confixos. Sendo assim, esse fato tende a confirmar a produtividade desse constituinte;
- II. possuem significado referencial, “não relacional, o que o distingue de um afixo” (RADIMSKÝ, 2004, p. 152), ou seja, têm semântica referencial (CORBIN, 2000);
- III. criam construções de origem científica/tecnicista cujos elementos seguem a ordem determinante-determinado; e
- IV. podem aparecer como elementos autônomos sob certas condições, ou seja, podem sofrer o processo de truncamento, processo por meio do qual parte de uma palavra é utilizada em referência ao todo de onde se desprende (GONÇALVES, 2019).

4. O confixo *filo* em grupos de acepções

Para explicar de modo mais preciso o processo de confixação em português, fazemos uma análise prévia do confixo *filo*. Sendo assim, esta seção consiste em uma pesquisa de *corpus*, já que pretendemos analisar os usos (antigos e atuais) da partícula *filo*, a fim de descrever seu comportamento morfossemântico. Para isso, buscamos dados que, apresentando contextos reais de uso, explicitam as formas utilizadas pelos falantes e, com isso, mostram instanciações que atestam mais claramente as previsões dos teóricos referenciados na seção precedente e sinalizam para hipóteses que propomos em função desses usos.

Dessa maneira, para a descrição do formativo, fizemos um levantamento prévio no dicionário eletrônico Houaiss. Sendo assim, procuramos primeiramente observar se *filo* de fato ocorre em mais de uma posição na estrutura da palavra. De posse desse levantamento preliminar, buscamos, através da ferramenta eletrônica Google, contextos de uso em que as formações fossem empregadas, a fim de verificar se a maioria de fato estaria associada a áreas técnicas. Para observar a possível existência de novas formações, rastreamos dados pelas redes sociais (Twitter, Facebook, Instagram), além do próprio Google, com vistas a verificar se há novas formações espontâneas, sobretudo fora da esfera técnico-científica³, e se há criações mais naturais envolvendo esse formativo.

No componente etimológico do dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2001) e em Cunha (1982), o elemento de origem grega *filo* entra na língua portuguesa nos séculos XIII e XIV, num pequeno conjunto de composições eruditas, com o significado de “amigo, querido, queredor” (*philos*), sendo, então, o antônimo de *fobo* (*phóbos*). A partir do século XIX, veicula o sentido de “folha” (*phýllon*), em composições científicas, para designar termos da botânica e da zoologia. Há, ainda, a acepção vinda de *phylon*, bem menos frequente, para exprimir a ideia de “raça, tribo, espécie, gênero, classe”, aparecendo em termos da biologia. Tem-se, aqui, o que um típico caso de homonímia em nível morfológico (homomorfia, nos termos de Gonçalves, 2019): a mesma forma apresenta três étimos diferentes, com significados completamente distintos. Desse modo, não se pode falar de um único elemento *filo*, mas de três elementos homomórficos. O quadro abaixo mostra a distribuição das formações ao longo dos séculos de acordo com as ocorrências encontradas:

3 Sem dúvida alguma, os termos científicos também são parte da língua e, quando um processo de formação de palavras antes restrito a áreas técnicas passa a integrar a chamada “língua geral”, tem-se evidência da maior produtividade e difusão do processo (ALVES, 2006). É justamente a passagem de um emprego mais técnico para a “língua geral” o foco de nosso estudo.

- | A confixação como processo de formação de palavras no português brasileiro contemporâneo

Quadro 5. Distribuição das formações ao longo dos séculos

Século de Ingresso	<i>FILO-</i>
XIII - XIV	filósofo; filosofal; filosofia; filosofar; filadelfo
XV	***
XVI	filologia; filomela; filosófico
XVII	filológico
XVIII	filólogo; filantropia; filarmônico; filatelia
XIX - XX	filobrânquio; filocisto; filóforo; filoma; filoxantina; aclorófilo; litófilo; xifófilo; zigófilo; calcífilo, corífilo etc

Fonte: Elaboração própria

Como se vê, a acepção de “amigo, querido, queredor” é a mais antiga e aparece em formações oriundas diretamente do latim, como ‘filósofo’ e seus derivados (nos séculos XII-XV), e em empréstimos via Renascimento, a partir do século XVI, como ‘filólogo’ e ‘filantropo’. Neste artigo, iremos nos concentrar apenas neste *filo*. Os demais, por não aparecerem fora da esfera técnica e por se fixarem sempre à esquerda, são considerados, aproveitando a ideia de “espécie” que um deles veicula, “filos” diferentes, não sendo, por isso mesmo, contemplados na análise.

A nomenclatura *radical* para o *filo* que nos interessa (‘cinéfilo’, ‘filósofo’) pode ser questionada, se aplicarmos os 11 critérios utilizados por Gonçalves e Andrade (2012, 2016), sobretudo se considerarmos as palavras recém-formadas com esse constituinte. Surge o questionamento: o que esse formativo é, afinal, afixo, radical ou membro de uma categoria à parte? Qual é o estatuto morfológico desse elemento neoclássico?

Na acepção de apreciador, *filo* não tem posição fixa, podendo migrar de lugar na estrutura da palavra. Assim como os radicais mais prototípicos, pode aparecer no começo de uma palavra ou no final de outra. Isso significa que, pelo critério da rigidez posicional, *filo* assemelha-se mais a um radical do que a um afixo, incluindo-se, assim, perfeitamente na classe dos confixos:

(03)	Borda esquerda da palavra	Borda direita da palavra
	filósofo	cinéfilo
	filologia	pedófilo
	filantropia	bibliófilo
	filófago	vascófilo

Esse elemento é preso, ou seja, não funciona sozinho, uma vez que não se submete ao truncamento nem se realiza como palavra mediante o acréscimo de elementos flexionais ou temáticos. Portanto, de acordo com o critério *boundness*, *filo* se parece mais com os afixos do que com os radicais, pois sentenças como as que se seguem soam estranhas, já que não há possibilidade de substituição de ‘filo’ por ‘amigo’:

- (04) ?Cicrano têm muitos filós na cidade em que mora.
?Fulano e Beltrano são meus melhores filós.

As palavras complexas em que essa unidade aparece contêm apenas um acento, fazendo com que haja isomorfia entre palavra morfológica (MWd), representada por chaves, e palavra prosódica (PrWd), representada por colchetes, ocupe o formativo primeira (05a, b) ou a segunda posição (05c, d). Então, pela relação prosódia-morfologia, o formativo em questão também se comporta como afixo, fazendo com que o processo morfológico em que se envolve seja mais próximo da derivação.

- (05) MWd ~ PrWd
a. {[filó] (ide)] PrWd} MWd
b. {[filo] (tecnica)] PrWd} MWd
c. {[antropó] (filo)] PrWd} MWd
d. {[ciné] (filo)] PrWd} MWd

Em relação à posição da cabeça lexical, quando em primeira posição, *filo* não constitui o núcleo, pois não responde nem pela classe (não é cabeça sintática) nem pelo gênero (não é cabeça morfológica) da palavra complexa, como se observa nos exemplos abaixo. Por outro lado, nessa visão tripartida de cabeça (SCALISE *et al.*, 2009), é sempre o núcleo semântico da palavra complexa, como se percebe nas paráfrases.

- (06) Substantivo feminino: *filotimia* (apreço pelas honras e dignidades)
Substantivo masculino: *filonéismo* (gosto por novidades e mudanças)
Adjetivo masculino: *filobasileu* (amigo/adepto/partidário do rei/realeza/monarquia)
Adjetivo feminino: *filobrasileira* (aquela que gosta muito de pessoas do Brasil)

- | A confixação como processo de formação de palavras no português brasileiro contemporâneo

Na sequência, procuramos analisar *filo* sob uma perspectiva morfossemântica, a fim de observar possíveis grupos de acepções que podem ser criados tendo *filo* na primeira ou segunda posição do vocábulo morfologicamente complexo. Desse modo, checamos se as novas formações continuam atualizando o sentido básico do étimo grego, ou seja, se manifestam a noção de “que ama; que gosta; amigo”. Após esse olhar para o sentido de *filo* em posições diferentes, observamos e descrevemos qual é o ambiente mais produtivo para a formação de novas palavras complexas com *filo*, se a borda esquerda ou a borda direita.

Em uma busca de dados no dicionário Houaiss, constatamos, pelo critério combinabilidade, que *filo* constitui-se confixo por adjungir-se a outros confixos (07) e/ou a palavras, radicais presos e radicais neoclássicos (08):

- (07) *floginia* (substantivo feminino): apreço pelas mulheres.
filosofia (substantivo feminino): amor pela sabedoria, experimentado apenas pelo ser humano consciente de sua própria ignorância.
filotecnia (substantivo feminino): gosto pelas artes.
flotimia (substantivo feminino): apreço pela(s) honra(s), pela(s) dignidade(s).
- (08) *aliadófilo* (adjetivo/substantivo sem gênero inerente): que ou aquele que, durante a Primeira Guerra Mundial, era favorável aos países aliados que lutaram contra a Alemanha e o Império Austro-Húngaro, ou que, durante a Segunda Guerra Mundial, era partidário das nações que se uniram na luta contra o nazifascismo.
americanófilo (adjetivo/substantivo sem gênero inerente): que ou aquele que é partidário ou fervoroso admirador das coisas da América, esp. dos EUA.
anglófilo (adjetivo/substantivo sem gênero inerente): que ou o que tem preferência, afinidade, amor pela Inglaterra, pelo seu povo e por sua cultura.
antófilo (adjetivo/substantivo sem gênero inerente): que gosta de flores.
antropófilo (substantivo/adjetivo sem gênero inerente): que ou aquele que ama a humanidade e gosta da convivência social; filantropo.
aquariófilo (substantivo/adjetivo sem gênero inerente): que ou aquele que, por profissionalismo ou amadorismo, se dedica à criação de peixes em aquários; aquarista.
bibliófilo (substantivo/adjetivo sem gênero inerente): que ou aquele que ama os livros; amante ou colecionador de livros raros e preciosos ou de boas edições.
discófilo (adjetivo/substantivo sem gênero inerente): que ou aquele que apresenta discofilia; que ou aquele que coleciona discos.
entomófilo (substantivo/adjetivo sem gênero inerente): colecionador de insetos.
iconófilo (substantivo/adjetivo sem gênero inerente masculino): apreciador ou colecionador de imagens, de quadros.

Ao observarmos os dados, notamos que *filo* apresenta, em ambas as posições, o sentido referente a “amor por”, “apreço por”. No entanto, é possível perceber que, mesmo sob esse rótulo, *filo* pode ser associado a diferentes acepções, resultando em polissemia. Por exemplo, *filo*, na primeira posição do vocábulo, atualiza essa ideia mais genérica de amor/apreço por algo. Já na segunda posição, em que é mais produtivo, atualiza sentidos mais específicos. Como exemplo, temos ‘anglófilo’ e ‘americanófilo’ que atualizam a ideia de pessoas que têm apreço pela Inglaterra e pelos EUA, respectivamente. Em ‘aquariófilo’, por sua vez, veicula a noção de profissional que trabalha com aquários. Outra noção atualizada na segunda posição é a de colecionador, o que pode ser visto em ‘bibliófilo’, ‘discófilo’ e ‘DVDófilo’, que nomeiam colecionadores de livros, discos e DVDs, respectivamente.

Como já foi mencionado, etimologicamente, o formativo sob análise pode se dividir em três grandes grupos de conteúdo, a saber: termos da botânica/zoologia; termos da biologia e palavras com o sentido de “amigo de algo”. Entretanto, a primeira e a segunda acepções continuam servindo apenas para designar termos científicos, mantendo o aspecto clássico, enquanto a terceira se especializa semanticamente, passando a designar “aquele que gosta excessivamente de algo”, o que já podia ser interpretado mesmo em formações mais antigas, e serve à maioria das formações recentemente criadas. Nesse aspecto, observamos a formação de palavras em série (criação espontânea), como podemos ver nos dados a seguir, retirados do Dicionário InFormal (www.dicionarioinformal.com.br):

(09)	filossambista	jazzófilo
	alcoolófilo	intelectófilo
	dicionariófilo	DVDófilo

Resta, então, destacar uma última acepção do *filo* que ora nos interessa: a de usuário. ‘Tabacófilo’ e ‘maconhófilo’, por exemplo, designam aqueles que fazem uso, por gosto, de tabaco e maconha, respectivamente. A produtividade de *filo* pode ser atestada pelos seguintes dados, muitos dos quais ainda não dicionarizados. Observe-se que as formações não estão relacionadas à linguagem técnica e científica, o que nos autoriza afirmar serem mais espontâneas:

(10)	cocacófilo	champanhófilo
	mulherófilo	lesbófilo

Essas palavras servem para designar aqueles que têm um gosto excessivo, peculiar, excêntrico, acima do normal, por Coca-Cola e champanhe, por exemplo. Logo, percebemos que há um grande potencial de aplicabilidade na formação de novas

- | A confixação como processo de formação de palavras no português brasileiro contemporâneo

unidades lexicais, o que faz com que o formativo em questão se assemelhe muito mais a afixos do que a radicais. Conseqüentemente, nas construções em que *filo* aparece na segunda posição, há uma proximidade muito maior com a derivação do que com a composição, seguindo o modelo de criar proparoxítonas com acento na média posterior aberta (RONDININI; GONÇALVES, 2007).

Vale ressaltar que há gradações de sentido nas construções mais antigas: da acepção etimológica de “amigo de algo” para “aquele que gosta de algo de modo exagerado”. No entanto, em algumas palavras de origem clássica, esse gosto excessivo se especializa em torno de vícios, fetiche e taras sexuais, designando “aquele que tem atração sexual por algo”. Esse alargamento no significado, que ainda assim gera tecnicismos da área da psicologia comportamental, pode ser observado nos seguintes exemplos, cujos gostos podem, em alguns casos, caracterizar verdadeiras patologias:

(11)	zoófilo (animais)	nasófilo (nariz)
	necrófilo (mortos)	salirófilo (saliva e suor)
	pedófilo (crianças)	gerontófilo (velhos)

Outra observação que pode ser feita com base nos dados é que *filo* pode apresentar relação paradigmática (BASILIO, 1980; BOOIJ, 2010) com *filia* na segunda posição. Sendo assim, percebe-se que muitos dos dados com tal forma na segunda posição atualizam a noção de patologia nas áreas de psicologia e psiquiatria. Exemplos disso são ‘pedofilia’ e ‘tanatofilia’.

Voltando às formações recentes, vale ressaltar a vinculação do elemento a formas livres, deixando de se combinar somente com radicais neoclássicos e/ou confixos. Além disso, essa disponibilidade para atuar em novas formações, além de se vincular ao significado especializado, também se restringe às palavras em que aparece como elemento de segunda posição. Então, as novas formações apresentadas distanciam-se daqueles eruditismos mais antigos não apenas no significado, mas também em termos formais (seleção de um radical combinado com a sequência *ófilo*). Os significados dessas construções remetem, em sua grande maioria, à caracterização de um indivíduo pelo seu gosto acentuado por algo, ou seja, predominantemente, as novas formações feitas com *filo* servem à função de rotulação (BASILIO, 1987), mas também expressam o ponto de vista do falante, apresentando função atitudinal (GONÇALVES, 2019). É um comportamento comum ao de um radical, pois este atualiza um significado mais concreto, lexical e referencial (RALLI, 2008b):

- (12) Fulano é *vascófilo*. (torcedor fanático do time de futebol Vasco da Gama)
Aquele aluno é um *virgulófilo*. (adora colocar vírgulas excessivas nos seus textos)
Naquela livraria, há um cliente *cervantófilo*. (apreciador da obra de Miguel de Cervantes)

Verificamos que os itens lexicais formados podem ser interpretados composicionalmente, isto é, pela soma dos significados de suas partes, através da paráfrase “aquele que gosta demais de X”, o que tem a ver com o fato de a cabeça lexical figurar à direita. Isso implica dizer que há maior previsibilidade semântica, o que configura outra característica da derivação.

Conclusão

Através deste trabalho, vemos que a confixação caracteriza-se como processo produtivo de formação de palavras no âmbito da composição neoclássica. Para isso, retomamos aqui nossa definição do processo, ao reforçarmos a ideia de que constitui uma especificidade da composição neoclássica cuja principal característica é a flexibilização posicional do formativo. Dito de outra maneira, na confixação, temos unidade sem lugar predeterminado na estrutura da palavra. Essa unidade, o confixo, compartilha propriedades da derivação e da composição.

Pela pouca discussão e descrição da confixação no PB, pretendemos, com este trabalho, defender que confixos constituem formativos produtivos na formação de novas palavras pelo processo de confixação. Para isso, buscamos evidenciar que a confixação constitui processo morfológico independente, ao lado da composição e derivação. Dentre essas características, descrevemos, entre outras, a produtividade, a semântica referencial, a capacidade de criar palavras novas com significado especializado (polissemia).

Como se pode perceber pelos dados apresentados, bem como pela discussão feita até aqui, buscamos mostrar que o formativo em questão leva a formações complexas bastantes diferentes do ponto de vista morfofonológico e atualiza diferentes significados, se considerada sua posição estrutural. Por outro lado, na formação de palavras mais recentes, essa unidade morfológica seleciona as bases com que irá se combinar, restringindo as possibilidades. *Filo* é a cabeça lexical das construções de que participa, determinando o gênero, a classe gramatical (substantivo, adjetivo, verbo etc.) e a interpretação genérica do produto. Quase todas as formações encontradas têm por base um substantivo comum e concreto, como se observa nos dados em (12). Isso quer dizer que há uma seleção categorial e semântica típica de sufixos, o que novamente identifica *filo* com a classe morfológica dos afixos, o que também acontece com *logo* e *grafo*, amplamente analisados em Rondinini (2004).

- | A confixação como processo de formação de palavras no português brasileiro contemporâneo

- (12) aquariófilo (aquário)
negrófilo (negro)
oceanófilo (oceano)
orquidófilo (orquídea)
tulipófilo (tulipa)
autografófilo (autógrafo)

Ao longo do texto, buscamos explicar a importância da confixação como processo à parte, como apresentado na tradição francesa, por exemplo. Isso porque a linguística italiana apresenta diversos nomes para o que chamamos aqui de processo da confixação, ou seja, há nomenclaturas como *composição com elemento solto*, *composição neoclássica*, *composição com elementos greco-latinos* e *composição com prefixoide e sufixoide* (RADIMSKÝ, 2004). Ademais, a tradição americana ignora a oscilação posicional dos formativos neoclássicos, apelando para os termos *forma combinatória inicial* e *forma combinatória final* (KASTOVSKY, 2009). No entanto, o termo *forma combinatória* também descreve muitas outras partículas (GONÇALVES, 2011c) que podem acabar se distanciando da ideia por nós defendida. Por fim, é na segunda posição que o formativo se torna mais disponível, saindo da esfera técnico-científica e se comportando como um quase-sufixo, ao adquirir novos usos, a exemplo de *logo* (RONDININI; GONÇALVES, 2007): ‘*cervejólogo*’, ‘*bolólogo*’, *beijólogo*’. Assim, a produtividade de *filo* se dá na segunda posição, com a extensão semântica de “aquele que gosta demais de algo”, a partir do sentido original de “amigo de algo”. Os sentidos de “folha” e de “raça/tribo/espécie”, além da presença obrigatória na primeira posição, são veiculados por unidades morfológicas distintas, configurando um caso de homomorfia, dadas as origens e os significados diferentes.

Na acepção de “apreciador”, são poucas as novas formações como *filo* na borda esquerda, a exemplo de ‘*filossambista*’ e ‘*filobrasileiro*’. Outra evidência da produtividade no atual estágio da língua é a combinação do formativo com radicais, instanciando apenas a sequência *ófilo*, o que já constituía tendência nos antigos tecnicismos, consolidando-se, agora, como padrão. Assim, por essas condições de produção, percebemos que a presença de neologismos abundantes faz com que haja distanciamento em relação à terminologia erudita.

Discutimos as particularidades de *filo* para defendermos a confixação como um processo produtivo de criação de novas palavras no português brasileiro. Esse, até então, é um processo não muito descrito mesmo entre os morfólogos, o que mostra a relevância e o ineditismo deste trabalho.

REFERÊNCIAS

ALVES, I. M. A observação sistemática da neologia lexical: subsídios para o estudo do léxico. *Alfa*, São Paulo, v. 50, n. 2, p. 131-144, 2006.

AMIOT, D.; DAL, G. Integrating Neoclassical Combining Forms into a Lexeme-Based Morphology. *In: BOOIJ, G. et al. (ed.). On-line Proceedings of the Fifth Mediterranean Morphology Meeting (MMM5)*. Bologna: University of Bologna, 2005.

BASILIO, M. *Teoria Lexical*. São Paulo: Ática, 1987.

BASILIO, M. *Estruturas morfológicas do português*. Petrópolis: Vozes, 1980.

BAUER, L. *Morphology and its Demarcations*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2005. p. 97-108.

BAUER, L. *Morphological Productivity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

BAUER, L. Is there a class of neoclassical compounds, and if so, is it productive? *Linguistics*, v. 36, n. 3, p. 403-422, 1988.

BAUER, L. *English Word-Formation*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

BAUER, L. Against Word-Based Morphology. *Linguistic Inquiry*, v. 10/3, p. 508-509, 1979.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2000.

BOOIJ, G. *Construction morphology*. Oxford: Oxford University Press, 2010.

CAETANO, M. do C. A meio caminho entre derivação e a composição. *Estudos linguísticos/linguistic studies*. 5. ed. Lisboa: Colibri, 2010a. p. 131-140.

CAETANO, M. do C. A relação forma-significado em morfologia. *In: CAETANO, M.C. Cadernos WGT: Forma e Significado*, p. 51-57, 2010b.

- | A confixação como processo de formação de palavras no português brasileiro contemporâneo

CORBIN, D. French (Indo-European: Romance). *In*: BOOIJ, G.; LEHMANN, C.; MUGDAN, J. (eds). **Encyclopédie Internationale de Morphologie**. Article 121. Berlin: Walter de Gruyter, 2000.

CUNHA, A. G. da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. São Paulo: Didier, 2002.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

GONÇALVES, C. A. **Morfologia**. São Paulo: Parábola, 2019.

GONÇALVES, C. A. **Atuais tendências em formação de palavras**. São Paulo: Contexto, 2016.

GONÇALVES, C. A. Composição e derivação: polos prototípicos de um continuum? Pequeno estudo de casos. **Domínios da Linguagem**, Uberlândia, v. 5, n. 2, p. 62-89, 2011a.

GONÇALVES, C. A. Compostos Neoclássicos: estrutura e formação. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem**, Porto Alegre, n. 5, p. 62-89, 2011b.

GONÇALVES, C. A. V. Paitrocínio, tecno-macumba, maridoteca: o comportamento das formas combinatórias no português do Brasil. **Revista da ABRALIN**, Curitiba, v. 10, n. 2, p. 67-90, jul./dez. 2011c.

GONÇALVES, C. A.; ANDRADE, K. E. A instabilidade categorial dos constituintes morfológicos: evidência a favor do continuum composição-derivação. **DELTA**, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 261-294, 2016.

GONÇALVES, C. A.; ANDRADE, K. E. El status de los componentes morfológicos y el continuum composición-derivación en portugués. **Lingüística** [Madrid], v. 28, p. 119-145, 2012.

HIGINO DA SILVA, N. **Diferentes perspectivas sobre o formativo AGRO: aspectos históricos, morfológicos e semânticos**. 2016. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

- HOUAISS, A. *et alii*. **Dicionário eletrônico Houaiss de língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss, Objetiva. Versão 3.0, junho de 2009.
- KASTOVSKY, D. Astronaut, astrology, astrophysics: about combining forms, classical compounds and affixoids. *In: Selected proceedings of the 2008 symposium on new approaches in English historical lexis*, p. 1-13, 2009.
- LÜDELING, A. Neoclassical word-formation. Berlin. *In: BROWN, K. (org.). Encyclopedia of Language and Linguistics*. Orford: Elsevier, 2006. p. 580-582.
- MARTINET, A. **Grammaire Fonctionnelle du Français**. Paris: Didier, 1979.
- NAVRÁTIL, C. **La composición neoclásica en el español actual**. Praha: Ústav románských studií, 2017.
- NAVRÁTIL, C. **Tcheck compounding**. Karlova: Filozofická Fakulta, 2014.
- PEYTARD, J. Motivation et préfixation. Remarques sur les mots construits avec l'élément télé. **Cahiers de Lexicologie**, v. 4, p. 37-44, 1964.
- PETROPOULOU, E. On the parallel between neoclassical compounds in English and Modern Greek. **Patras Working Papers in Linguistics**, v. 1, p. 40-58, 2009.
- PETROPOULOU, E.; TEN HACKEN, P. Neoclassical word formation in WM electronic dictionaries. *In: BRAASCH, A.; POVLSEN, C. (ed.). Proceedings of the Tenth Euralex International Congress*. Copenhagen – Denmark, August 13-17, p. 169-174, 2002.
- RALLI, A. Greek deverbal compounds with bound stems. **Journal of Southern Linguistics**, v. 29, n. 1/2, p. 150-173, 2008a.
- RALLI, A. Compound markers and parametric variation. **STUF – Sprachtypologie und Universalienforschung**, v. 61, n. 1, p. 19-38, 2008b.
- RADIMSKÝ, J. Les nouveaux confixes en italien contemporain. *In: PEŠEK, O. (ed.). Opera romanica 5, Langue et société – Dynamique des usages*. České Budějovice: Jihočeská univerzita, 2004. p. 151.

- | A confixação como processo de formação de palavras no português brasileiro contemporâneo

RADIMSKÝ, J. Konfixace vsoučasné italské slovo tvorbě. **Časopis pro moderní filologii**. 93, v. II. Praha: Ústav pro jazyk český, 2011. p. 104-122.

ROCHA LIMA, C. H. da. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. 45. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

RONDININI, R. B. **Formações X-ólogo e X-ógrafo no português: uma abordagem derivacional**. 2004. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

RONDININI, R. B.; GONÇALVES, C. A. Formações X-logo e X-grafo: um caso de deslocamento da composição para a derivação? *In: Textos selecionados do XXII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística (APL)*. v. 22. Coimbra/Lisboa: Colibri, 2007. p. 533-546.

SCALISE, S. **Generative Morphology**. Foris: Dordrecht, 1984.

SCALISE, S. *et alii*. Exocentricidade na composição. **Gengo Kenkyu** 135, p. 49-84, 2009.

WARREN, B. The importance of combining forms. *In: DRESSLER, W. U.; RENNISON, J.; LUSCHÜTZKY, H. C.; PFEIFFER, O. E. (ed.). Contemporary morphology*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1990. p. 111-132.

COMO CITAR ESTE ARTIGO: GONÇALVES, Carlos Alexandre; SOUZA, Tiago Vieira de. A confixação como processo de formação de palavras no português brasileiro contemporâneo. **Revista do GEL**, v. 17, n. 2, p. 122-147, 2020. Disponível em: <https://revistadogel.gel.org.br/>

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/gel.v17i2.2823>

Submetido em: 30/03/2020 | Aceito em: 20/06/2020.
